

**IDENTIDADE DE GÊNERO E INTERAÇÃO SIMBÓLICA: O VALOR
EXPLICATIVO DA TEORIA DE GEORGE HERBERT MEAD**

[IDENTIDAD DE GÉNERO E INTERACCIÓN SIMBÓLICA: EL VALOR
EXPLICATIVO DE LA TEORÍA DE GEORGE HERBERT MEAD]

Rita Radl-Philipp

ritam.radl@usc.es

<https://orcid.org/0000-0002-9393-7753>

Docente Ph.D na Universidad de Compostela, Espanha.

DOI: [10.25244/1984-5561.2026.8175](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2026.8175)

Recebido em: 22 de março de 2026. Aprovado em: 08 de maio de 2026.

Caicó, ano 19, n. 1, 2026, p. 8-22
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2026.8175](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2026.8175)
Dossiê George Herbert Mead



Identidade de gênero e interação simbólica: o valor explicativo da teoria de George Herbert Mead
RADL-PHILIPP, Rita.

Resumo: Este artigo foca a temática da construção social das Identidades de Gênero indagando seu significado sob a ótica da concepção teórica interacionista, pesquisando de forma especial as categorias do sistema teórico de George Herbert Mead e sua visão das ações sociais como ação comunicativa no sentido habermasiano. Defendemos a tese de que o desenvolvimento identitário da pessoa, o processo da construção das identidades de gênero, são enquadrados num marco de relações intersubjetivas das que surgem e nos quais se constroem sendo a pessoa sujeito ativo, mas não como ator individualista, voluntarista performativo, isolado, mas em um contexto de comunidade social que atua não como simples ator reproduzidor de conteúdos identitários estruturalmente prefigurados e estereotipados em atos apenas imitativos automáticos reativos. As categorias teóricas das explicações de George Herbert Mead sobre a constituição social da pessoa e da sua identidade dá elementos teóricos explicativos importantes que permitem entender o processo da constituição das identidades de gênero como um processo no qual os sujeitos (re)constroem e desconstroem os elementos sociais de gênero de forma constante.

Palavras-chave: Identidade, identidade de gênero, interação simbólica, ações comunicativas.

Abstract: This article focuses on the theme of the social construction of Gender Identities, inquiring its meaning from the perspective of the interactionist theoretical conception, researching in a special way the categories of George Herbert Mead's theoretical system and the vision of social actions as communicative action in the Habermasian sense. We defend the thesis that the person's identity development, the process of construction of gender identities, are framed in a framework of intersubjective relationships that arise and in which the person is built as an active subject, but not as an individualistic actor, performative voluntarist, isolated, but in a context of social community where the person acts not as a simple reproducer of structurally prefigured and stereotyped identity contents in only reactive automatic imitative acts. The theoretical categories of George Herbert Mead's explanations about the social constitution of the person and his identity provide important explanatory theoretical elements that allow us to understand the process of the constitution of gender identities as a process in which subjects (re)construct and deconstruct the social gender elements issues constantly.

Keywords: Identity, gender identity, symbolic interaction, communicative actions.

Resumen: Este artículo enfoca el tema de la construcción social de las Identidades de Género, indagando su significado desde la perspectiva de la concepción teórico- interaccionista, investigando la cuestión de manera especial bajo la perspectiva de las categorías del sistema teórico de George Herbert Mead y la visión de las acciones sociales como acción comunicativa en el sentido habermasiano. Defendemos la tesis de que el desarrollo de la identidad de la persona, el proceso de construcción de las identidades de género, se enmarca en un contexto de relaciones intersubjetivas de las cuales surgen y en las cuales se construyen, siendo la persona sujeto activo, pero no meramente actor individualista, performativo voluntarista, aislado, sino sujeto que actúa en un contexto comunitario social en el cual no es meramente un simple reproduzidor de contenidos identitarios estructuralmente prefigurados y estereotipados de actos sólo reactivos, automáticos e imitativos. Las categorías teóricas de las explicaciones de George Herbert Mead sobre la constitución social de la persona y su identidad aportan importantes elementos teóricos explicativos que permiten comprender el proceso de de la constitución de las identidades de género como un proceso en el que los sujetos (re)construyen y desconstruyen los elementos sociales de género de forma constante.

Palabras clave: Identidad, identidad de género, interacción simbólica, acciones comunicativas.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se ocupa da temática das identidades de Gênero, indagando seu significado sob a ótica da concepção teórica interacionista, especialmente, do cunho de George Herbert Mead. Esse propósito aprofunda o debate sobre os processos da sua construção, ou de forma mais detalhada, da sua construção social. Assim, projetamos um tema do debate teórico atual no campo epistêmico feminista onde seguem as discussões científicas sobre gênero e o conceito de gênero, em concreto na confrontação de posturas teóricas, que contrapõem diversas visões, que podem ser resumidas, para nosso contexto, em duas posições, excluindo, isso sim, o debate sobre o próprio uso profuso conceitual de gênero (Radl-Philipp, 2019, 2010b), tentando não simplificar as implicações epistemológicas do próprio debate (Radl-Philipp, 2001, 2019)

De um lado temos a visão que liga a experiência de gênero a constelação das relações intergênero, especialmente feminino-masculino e sua configuração das relações de poder e estruturas sociais patriarcais, com processos de aprendizagem social, como uma questão social e culturalmente imposta ao indivíduo, fato do qual o sujeito não pode escapar e que certamente é concebido em termos de um processo de imposição estrutural ou funcional-estrutural unilateral. De acordo com essa posição, a identidade de gênero obedece a uma dinâmica estrutural unilateral patriarcal androcêntrica em que o sujeito atua como agente ou ator que reproduz significados sociais pré-figurados e externos a ele. Por essa razão é essencial a transformação social e política das identidades de gênero com fim de permitir a introdução de novos e criativos conteúdos identitários, sobretudo, para as mulheres como elementos subordinados e oprimidos, e um atuar identitário diferente, não estereotipado, fora dos modelos tradicionais e/ou clássicos de gênero.

De outro lado, se situa o debate epistemológico sobre gênero, o mais recente, que entende cada vez mais o gênero como um constructo autônomo, voluntário dos sujeitos à base de definições sociais que já não guardam relação com as características específicas do sexo. Desde as posições pós-modernas, tecnológicas e desconstrutivistas, a tônica é colocar, sobretudo, o aspecto de imposição social da construção de gênero e fundamentalmente da identidade de gênero, no centro de debate. Isso é, essas teorias entendem a identidade de gênero como um ente imposto ao sujeito desde uma estrutura social patriarcal androcêntrica, que precisa de uma capacidade individual e/ou de grupo dos indivíduos que pode conseguir uma

desconstrução dos constructos de identidade feminina ou masculina como algo historicamente superável. Abrindo possibilidades para os sujeitos elaborarem suas identidades em forma híbrida, queer e voluntária, também usando estratégias subversivas e possibilidades que ofereceram, entre outras coisas, as novas tecnologias da informação e comunicação, questionando os modelos hegemônicos binomiais, isso é, o modelo masculino e feminino e o modelo heterossexual do fundo (Radl-Philipp, 2019, p.171).

Estas posições rejeitam as visões epistêmicas sobre a importância das diferenças biológico-sociais de sexo, inclusive das experiências nas idades da primeira infância, mas também não contemplam a influência do processo concreto de construção das relações intersubjetivas, da dinâmica interativa comunicativa para a constituição das pessoas e suas identidades de gênero. Elas consideram como elemento decisivo a própria vontade e as capacidades performativas do

sujeito, defendendo que assim já são possíveis novos modelos de gênero situados fora dos conceitos cisgênero¹ e binômicos de gênero. Trata-se de constructos e autotaxonomias que dependem da própria pessoa sem vínculo com sua pertença de sexo, quando menos hipoteticamente, e das possibilidades tecnológicas. Assim mesmo, são cada vez menos importantes os mecanismos de discriminação que sofrem as mulheres como grupo, ainda que heterogêneo, pela sua pertença de gênero.

O nosso objetivo neste artigo é debater e contra-argumentar a postura descrita, isto é, as afirmações da linha teórica epistêmica desconstrutivista, tecnologista de performance, pós-modernista e contrassexual citada, analisar seus argumentos sob o ponto de vista do enfoque teórico interacionista, usando especialmente as categorias de George Herbert Mead para elucidar os processos de construção social das identidades de gênero. Neste sentido, defendemos a tese de que o desenvolvimento identitário da pessoa, e de forma mais precisa, o processo da construção das identidades de gênero, são enquadrados num marco de relações intersubjetivas das que surgem e nos quais se constroem sendo o sujeito, isso sim, sujeito ativo, mas não como ator individualista, voluntarista performativo, isolado, mas em um contexto de comunidade social e também não como simples ator reproduzidor de conteúdos identitários estruturalmente prefigurados e estereotipados em atos apenas imitativos automáticos reativos.

Aqui defendemos que as categorias teóricas das explicações de George Herbert Mead sobre a constituição social da pessoa e da sua identidade nos dá elementos teóricos explicativos importantes que permitem entender o processo da constituição das identidades de gênero como um processo no qual os sujeitos (re)constróem e desconstróem os elementos sociais de gênero de forma constante. Nesse sentido, os protagonistas dos atos de construção das identidades de gênero são os sujeitos, mas a construção social das identidades de gênero acontece no seu interagir social. Essas ações identitárias de construção que incluem também sempre atos de desconstrução, segundo veremos, não estão fora do contexto empírico social do contexto de convivência e dos mesmos sujeitos, não está meramente nas “estruturas sociais” como elemento imposto aos sujeitos sendo alheio a eles. Ao contrário, entendemos que o gênero e a identidade de gênero não é apenas um constructo voluntarista fluido das pessoas que fazem simplesmente atos performativos à margem dos significados sociais da comunidade na qual se inserem de forma ahistórica e sem substância social.

2 A IDENTIDADE DE GÊNERO

As reflexões deste texto suscitam como ponto essencial à questão da construção e constituição das identidades de gênero, segundo apontamos, como um tema atual que gerou e gera importantes discussões epistêmicas não somente no contexto específico do conhecimento das mulheres e de gênero. É um tema matriz também nas discussões atuais no campo político e social com importantes implicações jurídicas, políticas e de organização social. Colocando-nos nesta linha se impõe detalhar, antes de nada, o significado do conceito identidade de gênero que

¹ Conceito de uso profuso na atualidade com significado de coincidência do sexo assinado com gênero, introduzido e cunhado por Volker Sigusch. Veja: Sigusch, Volker: Transsexueller Wunsch und zissexuelle Abwehr, em: PSYCHE, September 1995, 49. Jahrgang, Heft 9/10, pp 811-837. Também: “Die Transsexuellen und unser nosomorpher Blick”, em: Zeitschrift für Sexualforschung, 1991, 4, pp. 309-343.

Identidade de gênero e interação simbólica: o valor explicativo da teoria de George Herbert Mead
RADL-PHILIPP, Rita.

parte da noção de gênero e assim remete ao debate clássico sexo-gênero com implicações mais além dos significados epistêmicos teóricos. Nesse debate entende-se o sexo diferenciado do gênero desde a diferenciação de John Money e Robert Stoller dos anos 1960. Estes autores médicos psiquiatras, observaram nas suas sessões terapêuticas com seus pacientes uma diferenciação importante em relação a sua identificação sexual e seus sentimentos reais em relação a esse pertencimento, como já explicamos em outro lugar (Radl-Philipp, 2010), desta forma ressaltam

[...]que a auto concepção identitária não tinha por que ser correspondente a classificação biológica-corporal do sujeito. A partir de esse momento, Money (1966) propõe dissociar a identidade do sujeito enquanto pessoa - seu papel de gênero (*gender rol*)- de sua pertença de sexo -seu papel de sexo (*sex role*). Esse autor já chega a afirmar que a identidade de gênero corresponde a um processo de elaboração social, enquanto a identificação baseada nas diferenças biológico-hormonais nos classifica como pessoas pertencentes a um ou outro sexo (Radl-Philipp, 2010, p. 137).

Com esta aceção se vai introduzindo no contexto acadêmico já na época dos anos 60 a definição científica social que mais tarde é operado com as noções de constructo social no espaço dos estudos das mulheres. Contudo, é, “no debate dos Women’s Studies que se adota, a partir dos anos 80, o conceito de gênero precisamente com fim de sublinhar a importância do aspecto construtivo social enquanto as identidades das mulheres e homens, suas funções e papéis sociais” (Radl-Philipp, 2010, p. 137). Em contraposição a essa classificação, “o conceito sexo... se refere, de forma restritiva, a uma categoria biológica as diferenças anatômico-fisiológicas entre homens e mulheres que, como tais, apontam também, biologicamente, para um morfismo, uma diversidade” (Radl-Philipp, 2010, p. 137).

Esta visão clássica parte da constelação biológico-empírica do binômio feminino masculino. Desta forma, gênero se refere a conduta efetiva da pessoa como pessoa sexuada, que aporta os critérios de classificação social para a identidade das pessoas com vista para sua identificação em base de seu corpo feminino e/ou masculino, sendo muito difícil uma classificação diferente, por exemplo, ou situações de ambivalência na assinação de sexo-gênero. Com proposito de enfatizar esse fato Money fala já de “*transgenderism*” em vez de “*transsexualism*”, introduzindo esse conceito assim já antecipadamente nas suas pesquisas (Money, 1969). Como mostram os casos de não coincidência de sexo gênero nas pessoas transsexuais e os problemas que se geram nesses casos para essas pessoas, os sujeitos buscam ter uma coincidência com seu corpo, com sexo biológico e a sua autoclassificação de gênero (Neves de Jesus e Radl-Philipp, 2021). A identidade de gênero não é desligável da própria identidade da pessoa como mulher ou homem e vai mais além das diferenças biológico-hormonais.

Nesse sentido a identidade de gênero compreende um aspecto delimitado, mas essencial, da nossa identidade que, porém, fundamenta de forma determinante o que somos como pessoas. O termo identidade, do latim *identitas* ou *identitatis* tem, segundo o dicionário da Real Academia Espanhola (RAE), a noção de “o mesmo”. Pode ter diferentes significados que apontam para uma óptica social de classificação por uma parte, e uma visão de auto percepção ou de autoconceito do sujeito, por outra,² aspecto esse último mesmo relevante que explica o grande

² Veja: Diccionario de la Real Academia Española de la Lengua, 2014; também: Radl-Philipp, Rita e Santos Mafrá Medeiros, Shirlene “Identidades, Género y Educación: Memoria Educativa y la Formación Social de la Identidad en Educadoras en Brasil”, em: Innovación Educativa, nº 26, 2016, pp. 147-166

Identidade de gênero e interação simbólica: o valor explicativo da teoria de George Herbert Mead
RADL-PHILIPP, Rita.

debate na atualidade da crítica do conceito gênero e da diferenciação sexo-gênero como conceitos com noções ideológicas inscritas numa ótica binômica e cis gênero que exclui outras formas de “ser mulher” (Butler, 2002).

Agora bem, voltando para o termo identidade o significado geral do vocábulo aponta assim para uma definição social de diferenciação e classificação de pessoas, de suas características específicas que permitem diferenciar uma pessoa da outra, mas no nosso contexto interessa ver as noções científicas sociais mais precisas. Assim sendo, diferenciando inicialmente a visão sociológica da psicológica, a sociológica remete a uma categoria situacional, reflexiva e social da identidade ligada ao lugar estrutural e as posições que ocupa um sujeito na sociedade em um momento determinado, isto é, essa visão alude aos seus papéis sociais.

A ótica psicológica finca-pé nas características individuais da pessoa que é diferente de outra, ressalta a diferenciação de aspectos que diferenciam uma pessoa de outra, diferencia o mundo interior da pessoa do mundo exterior. Esses elementos identitários diferenciais incluem pela sua vez, diversos aspectos da própria pessoa ou personalidade. Certas explicações teóricas contemplam várias facetas da identidade, como a definição de Erving Goffman que usa os conceitos de “identidade pessoal” e “identidade social” (Goffman, 2006, 1963, Krappmann, 1972) ou a aclaração de George Herbert Mead que introduz no debate científico social de forma precisa as categorias do “I” (“Eu”) e do “Me” (“Mim”) (Mead, 1972), nos quais aprofundaremos de maneira concreta mais adiante. Também se apresenta o constructo conceitual “identidade do Eu” (Goffman, 2006, 1963, Krappmann, 1972, Radl, 1996, Radl e Mafra Medeiros, 2018).

Seguindo com uma definição que aclara o significado do vocábulo de identidade, Goffman perfila que “o meio social estabelece as categorias de pessoas que nele podem ser encontradas” (Goffman, 2006, p. 12) e é isso que estabelece uma categorização social, ou seja, “[...] tratamos de certos supostos sobre o indivíduo [...]” que claramente aludem a uma dimensão social e “portanto, as demandas que fazemos poderiam ser mais apropriadamente chamadas de demandas ditas 'em essência'... A categoria e os atributos que, de fato, podem ser demonstradas, pertencem à pessoa, serão chamados de sua identidade social” (Goffman, 2006, p. 12). Com essa categorização da identidade social, o referido autor nos fala justamente sobre expectativas e papéis sociais. A categoria “identidade pessoal”, ao contrário, refere-se à dimensão pessoal, ou seja, à “singularidade” da identidade do sujeito (Goffman, 2006, p.72), engloba especificamente “...as marcas ou suportes de identidade, e a combinação única de itens de história de vida, ligados ao indivíduo por meio desses suportes de sua identidade” (Goffman, 2006, p. 73).

É essa definição social e sociológica de identidade que assumimos no presente marco e que aplicamos a identidade de gênero. Estamos a falar de um constructo social que encerra elementos sociais de expectativas e de definição e ao mesmo tempo elementos pessoais idiossincráticos que diferenciam a pessoa de outra. Enquanto a Identidade de Gênero o conceito aponta para os aspectos fundamentais da pessoa, geralmente como mulher ou homem, em sua configuração cultural, social e psicológica específica de seu comportamento efetivo, segundo o sublinhado antes. Os elementos básicos mencionados envolvem os traços de sua identidade social, geralmente atrelados a uma classificação como feminino e/ou masculino a partir de diferenças biológicas e sexuais, presentes também na rejeição do binômio feminino-masculino.

As identidades de gênero fazem assim referência de antemão para construções sociais nas quais intervêm a) elementos normativo-sociais, b) elementos de identificação biológico-sexual (também de orientação) e c) elementos pessoais (interpretações, necessidades etc.). Atuar em papéis - desempenhar papéis sociais, desempenhar papéis sociais de gênero- é essencial para o desenvolvimento e manutenção da identidade do sujeito. No caso dos *roles de gênero* trata-se de papéis sociais diferentes dos outros papéis sociais, uma questão extremamente importante.

Identidade de gênero e interação simbólica: o valor explicativo da teoria de George Herbert Mead
RADL-PHILIPP, Rita.

Temos ante nos uma construção transversal presente em todos os papéis sociais e em todas as áreas da vida social dos sujeitos, muitos dos quais parecem nada ter que ver com a questão das identidades e papéis de gênero.

Essa visão corresponde a uma visão identitária de construção multidimensional, que explica de forma desagregada, empírica e concreta o significado dos processos de construção social de gênero e identidade de gênero e, mas além disso, o conceptualiza vinculado de forma essencial com um processo de socialização e de individuação social do sujeito.

3 INTERAÇÃO SIMBÓLICA, AÇÕES COMUNICATIVAS E AÇÕES TÉCNICAS INSTRUMENTAIS

A identidade de gênero como fato ligado à identidade da pessoa, funciona baixo a dinâmica das relações sócias dos sujeitos, segue uma dinâmica interativa comunicativa. Para esclarecer tal questão lembramos a conceição teórica habermasiana das ações. Para este pensador o ato comunicativo é esse tipo de ação no qual os sujeitos focam a coordenação da ação:

Por outro lado, falo de ações comunicativas, quando os planos de ação dos atores envolvidos não estão coordenados através de cálculos egoístas de sucessos, mas através de atos de entendimento. No ato comunicativo, os participantes não são principalmente orientados no próprio sucesso; eles perseguem seus fins individuais sob a condição que podem coordenar seus planos de ação com base em definições comuns da situação. Neste sentido, negociar as definições da situação é uma parte importante para os esforços interpretativos necessários do atuar comunicativo. (Habermas, J. 1981, o.c. pág. 385, tomo 1).

Habermas parte da sua conhecida distinção entre ações instrumentais estratégicas e ações comunicativas que é clave para entender o sistema teórico comunicativo de Habermas e permite a interligação entre o nível macro e microestrutural desde uma ótica de teoria da sociedade. O autor diferencia entre um tipo de ação para o *campo de trabalho*, segundo a nossa precisão seria de forma concreta o campo do “trabalho instrumental”,³ e outra para o campo da interação. No campo do trabalho encontramos como tipo de ação dominante ações estratégicas instrumentais e no campo social ações que seguem uma dinâmica comunicativa. Assim disse literalmente:

As declarações sobre o campo fenomenológico de coisas e eventos (ou estruturas profundas que se manifestam em coisas ou acontecimentos),

³ Ver Radl-Philipp, R. (1991) La educación como interacción simbólica, em: *Revista Educación*, n. 145, p. 7-15, 1991. E Também: Radl-Philipp, R. Teoría hermenéutico-crítica frankfurtiana, interés epistemológico emancipativo y prácticas de Pedagogía Crítica, em: *Revista Binacional Brasil Argentina Diálogo entre as Ciências*, vol. 3, no. 2, dezembro 2014, p. 146-174.

Identidade de gênero e interação simbólica: o valor explicativo da teoria de George Herbert Mead
RADL-PHILIPP, Rita.

somente podem ser traduzidos em diretrizes para um ato racional causal (tecnologias e estratégias) e as declarações sobre o campo fenomenológico de pessoas e locuções (ou estruturas profundas dos sistemas sociais) em orientações para um ato comunicativo (em conhecimento prático). (Habermas, 1975, págs. 399-400) ⁴

Com estas palavras, Habermas sugere que as ações sociais, ou seja, as interações sociais, tendencialmente correspondem às ações comunicativas. Em outros termos, para a esfera de ações sociais, ou seja, as ações intersubjetivas entre pessoas como sujeitos, Habermas postula o atuar social como um ato comunicativo (Habermas, 1981, 1988).

A identidade das pessoas, e em concreto a identidade de gênero pertence ao campo das ações sociais que são tendencialmente comunicativas, isso é, a identidade segue a dinâmica das interações; é contextual e comunicativamente construída, reconstruída ou desconstruída. Desde uma ótica teórica da identidade, ainda que o autor citado não fale das identidades de gênero - ele fala de identidades coletivas -, sua diferenciação entre ações estratégicas e ações comunicativas é fundamental para nosso contexto.

Seguindo nessa linha, vamos centrar agora nosso olhar nas explicações teóricas de George Herbert Mead que aporta mais elementos explicativos para o tema da constituição das identidades e das identidades de gênero, e, em concreto, da sua constituição reflexiva, lembrando que o mesmo Habermas se reconhece devedor teórico de este pensador nas suas referências.

Mead aprofunda uma e outra vez uma explicação social da constituição da pessoa, e, portanto, da sua identidade, para a qual são fundamentais as ações intersubjetivas e as interações das pessoas que sempre são reflexivas. O autor formula como conceito chave o de “gesto significativo” (ou “símbolo significativo”) que é diferente do “gesto simples”. O gesto significativo é para Mead esse gesto que expressa a ideia de que representa e que cria, ao mesmo tempo, esta mesma ideia em outros seres humanos. ⁵⁶

O gesto simples ajuda na coordenação dos atos simples, ligados a situações muito específicas; assim, por exemplo, se uma pessoa do lado ou na frente de nós cai no chão, então ajudamos para levantá-lo. O gesto de pegar ou levantar é um gesto simples que coordena esta situação, mas não transmite um significado específico, independentemente da situação. Um gesto simples, no entanto, torna-se significativo, atribuindo significados específicos e ao mesmo tempo gerais decorrentes de ações dos sujeitos em ações sociais. Os símbolos significantes, ou bem, gestos significantes, permitem uma institucionalização gradual dos próprios atos sociais. Isso acontece de uma maneira especial com símbolo linguístico. A vantagem do símbolo linguístico, que é um símbolo significante (gesto significante), e em realidade é o mais relevante desses símbolos, reside de acordo com Mead “no fato que fez que o indivíduo ao poder ouvir o que ele diz e que, ao ouvir o que ele diz, tende a reagir como a outra pessoa reage” (Mead, 1972, p. 108-109). É a língua comum que cumpre esta função, que seus símbolos são entendidos ao nível do significado comum de idêntica forma por todos os sujeitos envolvidos em interações. Tal fato torna possível para as pessoas interagindo poder antecipar as seguintes etapas interativas e, portanto, os sujeitos podem coordenar as suas ações, mas também é relevante que através da utilização de estes símbolos, o sujeito pode agir reflexivamente consigo mesmo e com os outros.

⁴ Aqui é fundamental toda a argumentação do autor, que ele já desenvolve no livro *Conhecimento e Interés ao respeito*: Habermas, J. (1975) *Erkenntnis und Interesse*, Suhrkamp, Frankfurt.

⁵ Ver Mead, G. H.: *Espíritu, Persona y Sociedad*. Paidós, Barcelona, págs. 107 e ss., original em inglês: *Mind Self and Society. From the Stand Point of a Social Behaviorist*. University of Chicago Press, Chicago, 1972.

Identidade de gênero e interação simbólica: o valor explicativo da teoria de George Herbert Mead
RADL-PHILIPP, Rita.

Em sistemas sociais particularmente complexos, o agir social já existe organizado em sistemas completos de símbolos significantes que aludem a ações completas para as pessoas que ocupam uma posição social estrutural, isso é, para os sujeitos como portadores de papéis sociais que atuam ocupando posições sociais em uma estrutura social. Estes sistemas completos de símbolos significantes são assumidos e gerenciados pelo sujeito através do “outro generalizado”, dos papéis sociais. Mead nos diz: “No processo de comunicação o indivíduo é outro, antes de ser ele,... O indivíduo agora pode reagir ante ele mesmo como o outro generalizado na atitude do grupo ou da Comunidade” (Mead, 1972, p. 217)⁶

O nosso pensador faz referência aqui ao importante fato que as ações das pessoas são sempre ações reflexivas, não são um simples reproduzir unilateral predeterminado pela estrutura social e, em definitivo, da sociedade ou do grupo vital de referência e dos fatos sociais interiorizados pelo sujeito de esta forma unilateral. O sujeito precisa adaptar de forma reflexiva os conteúdos, os significados de roles, no mesmo processo da interação simbólica de desempenhar e atuar em roles.

E esse processo das ações de adaptação reflexiva dos conteúdos e dos significados de papéis é sempre um processo social de interações simbolicamente mediadas, como bem explica Mead; se iniciam e são possíveis graças ao uso dos símbolos significantes, mas são esses mesmos símbolos significantes que permitem interpretações e uso que vai mais além de estes símbolos significantes e seu significado geral, que é o mesmo para todos os implicados na interação simbólica. Os símbolos significantes, os símbolos linguísticos, requer uma perspectiva particular do orador sobre o conteúdo transmitido, sobre a mensagem, que define sua relação com o conteúdo e a situação concreta (aspecto de relação, Watzlawick, 1967, 2011) e, por tanto, sua interpretação especial em cada situação. Assim, permite o uso dos símbolos linguísticos a construção da identidade das pessoas devido a mesma dinâmica interativa simbólica que possibilita para os sujeitos poder atuar de forma reflexiva consigo mesmo e com os demais, assim como transmitir aspectos singulares específicos com respeito aos significados simbólicos transmitidos.

O sujeito tem de realizar atos reflexivos em relação com seus papéis sociais e seu atuar em posições sociais e sua experiência biográfica. Em relacionamento com os papéis sociais (“outro generalizado”) vai transformando e adaptando o conhecimento social (“Mí”), e assim transforma sua instancia pessoal da identidade (“I”) e seu “Self”. São essas as instancias das que nos fala George Herbert Mead e que vamos pesquisar mais no seguinte ponto, mas já gostaria de apontar nesse momento que só enlaçando com essas explicações e essa perspectiva das ações como interação simbólica, e assim de uma conceitualização das ações comunicativas, é possível explicar a construção, reconstrução e desconstrução das identidades, e de forma concreta, das identidades de gênero e seu desenvolvimento, sem bem, também seus processos de mudanças, ligadas ao desenvolvimento dos papéis sociais de gênero, que acontecem através das ações reflexivas dos sujeitos que resultam das interações e ao mesmo tempo transcorrem em interações.

⁶ Ver Mead, G.H. 1972, o.c. pág. 217.

4 O PROCESSO DA CONSTITUIÇÃO INTERATIVA DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

Diz Teresa de Lauretis (1989, p. 9) que “a construção do gênero também é afetada por sua desconstrução, ou seja, por qualquer discurso, feminista ou não, que poderia colocá-lo de lado como deturpação ideológica...”. Esta autora aponta para um fato fundamental, que queremos colocar no centro de nossa atenção, que a pessoa, como sujeito ativo em seus esboços e comportamentos de papéis, age criativamente em seus atos de representação social. A simples construção de identidade e/ou papéis e sua desconstrução exige sempre um distanciamento dos papéis, um distanciamento dos elementos normativos sociais de identidade em uso e, portanto, significa ao mesmo tempo a desconstrução desses elementos sociais de papéis e identidade. A afirmação desta autora denota, desde nossa ótica, uma visão teórico-interacionista de gênero e da identidade de gênero que entende o sujeito como ente ativo na construção da sua identidade (ou personalidade) que nesse processo de construção da sua identidade de gênero realiza uma distância das expectativas e papéis sociais, normativos sociais e estruturais, mas que necessariamente conecta com eles e seu significado social.

Voltando para Mead, pesquisamos agora essa questão sob a perspectiva das suas explicações teóricas. Para ele, a identidade, a personalidade surge do mesmo processo social, presente e proveniente do “outro generalizado” que se refere à atitude da “[...]comunidade o grupo social organizados que proporcionam ao indivíduo sua unidade de pessoa[...] A atitude do “outro generalizado” é a atitude de toda a comunidade” (Mead, 1972, p. 184). Não se pode fora do grupo, da sociedade. Usando o exemplo do jogo de beisebol sublinha que “cada um dos seus próprios atos é determinado pela sua expectativa das ações dos outros que estão jogando” (Mead, 1972, p. 184) e que “do mesmo modo que adota as atitudes dos outros indivíduos para ele e deles entre si, tem de adotar suas atitudes para as distintas fases ou aspectos da atividade social comum... mas que como membros de uma sociedade organizada ou grupo social estão ocupados “ (Mead, 1972, p. 184). As atitudes individuais dos outros concretos se generalizam, tal questão é fundamental para o desenvolvimento da personalidade, da identidade, do sujeito. Para o autor é “a base essencial e o pré-requisito”, diz literalmente:

Essa incorporação das atividades amplas de qualquer todo social dado, ou sociedade organizada, no campo experiencial de qualquer um dos indivíduos envolvidos ou incluídos nesse todo é, em outras palavras, a base essencial e o pré-requisito para o pleno desenvolvimento da pessoa de aquele indivíduo[...] (Mead, 1972, p. 185)

A sociedade ou grupo social organizado exerce como um todo um controle sobre o comportamento dos seus indivíduos, “porque dessa maneira o processo ou a comunidade social entra, como fator determinante, no pensamento do indivíduo” (Mead, 1972, p. 185). O “outro generalizado”, regula a nossa conduta, exerce controle social, isto é, através dele os processos sociais “influem na conduta dos indivíduos” (MEAD, 1972, p.185), e, por conseguinte, a nossa conduta atua em função deste conglomerado organizado. Para Mead é importante esse papel dos processos sociais, dos quais o sujeito não pode subtrair-se, já que são a origem e a base da pessoa, da identidade e do pensamento reflexivo, eles influenciam, mas não determinam unilateralmente a conduta das pessoas. As pessoas não imitam simplesmente a conduta, e não é simplesmente reativa, a pessoa surge de um processo social na sua individualidade, mas esse processo involucra

Identidade de gênero e interação simbólica: o valor explicativo da teoria de George Herbert Mead
RADL-PHILIPP, Rita.

a interação dos indivíduos e implica a cooperação do próprio sujeito nesse mesmo processo. No decorrer social significa para a pessoa tornar-se objeto para si “em virtude das relações sociais de um com os outros indivíduos” (Mead, 1972, p. 200).

Nesse processo é fundamental a função da linguagem, o uso da linguagem que está predominantemente baseado no gesto vocal, no seu “sentido significante que tende a despertar no indivíduo a atitude que desperta em outros” (Mead, 1972, p. 190). É esse aspecto que é essencial enquanto a construção e desconstrução da identidade de gênero. Ele explica a mesma dinâmica interativa, e o caráter simbolicamente mediado, deste processo que permite e exige uma construção e desconstrução reflexiva e criativa da identidade de gênero.

O sujeito é constituído socialmente, e sua identidade, personalidade tem dois aspectos: é igual aos outros e é diferente dos outros, mas é constituído socialmente por meio da comunicação simbólica, um processo sempre compartilhado com outras e outros. Mas como é possível ir mais além da simples organização da conduta social na pessoa partindo dessa base social da personalidade, isso é, da identidade da pessoa? Ou em outras palavras, como é possível explicar que a organização social da conduta não significa simplesmente uma adaptação e reprodução unilateral às exigências sociais referentes a conduta (papel social) da pessoa e, por tanto, da conduta e identidade de gênero da pessoa?

Entretanto nessa questão, torna-se fundamental olhar para o significado do I e Mi que permite a explicação da reflexividade e da identidade da pessoa como identidade reflexiva. Os fundamentos sociais da pessoa levam Mead a diferenciar: “a natureza do “I” consciente do “Me” social” (Mead, 1972, p.201). Diz literalmente que “O “Mi” de um momento está presente no “I” do momento seguinte” (Mead, 1972, p. 202), ambas as instâncias são inter-relacionadas, mas ao mesmo tempo diferentes. “O “I” é a reação do organismo às atitudes dos outros” (Mead, 1972, p. 202), ideia que refere sobre o aspecto pessoal, mas este só é pensável em relação à experiência, ou bem, a instância social. O autor indica que o “Mi” é a série de atitudes organizadas dos outros que se adota” (Mead, 1972, p. 202), o seja, fala da ideia da instância social dentro de nós, das atitudes e papéis sociais, em efeito, do “outro generalizado” certamente internalizado que norteia as nossas ações como elemento principal da nossa identidade e identidade de gênero. O sujeito atua como “[.] um “I” às atitudes organizadas do “Me” (Mead, 1972, p. 203).

Nesse sentido o “I” é a ação do indivíduo frente a situação social que existe em seu próprio comportamento e só se incorpora à sua experiência depois de ter realizado o ato” (Mead, 1972, p. 203). O nosso teórico explica que na realidade “o “I” é incerto” (Mead, 1972, pp. 205-206) e desse jeito o “I” é instância criativa que conduz à ação do sujeito nas situações sociais, ao mesmo tempo que tem como referência a experiência social, isto é, “[.] nesta relação entre o “I” e o “Mi”, é algo que, por assim dizer, atua em relação a uma situação social que está dentro da experiência do indivíduo” (Mead, 1972, p. 205).

O “I” provoca ao “Mi” e ao mesmo tempo reage a ele” (Mead, 1972, p. 205), no entanto não é uma reação automática, predeterminada e presente de forma imitativa na conduta do sujeito, ao contrário, constitui um ato, uma reação inalienável, criativa reflexiva que tem algo de incerto precisamente por esse motivo. Em suma, o “I” é a instância pessoal e o “Mi” remete a instância social dentro do sujeito que se encontra em um diálogo dialético e assim interage de forma constante com os significados normativos sociais presentes na sua própria conduta. Desse modo, o atuar reflexivo da pessoa atende ao mesmo tempo às exigências sociais, suas visões e necessidades identitárias pessoais -circunstâncias que tange a identidade de gênero.

Aproximando-se ao mesmo assunto, Goffman fala de identidade social e identidade pessoal aprofundando com precisão no papel ativo do sujeito em suas ações identitárias e de representação social. A visão interacionista referida às identidades e papéis de gênero, postula que

Identidade de gênero e interação simbólica: o valor explicativo da teoria de George Herbert Mead
RADL-PHILIPP, Rita.

a própria pessoa é, antes de tudo, entidade ativa em seu próprio processo de constituição social. Essa constituição é em si, constituição social, não é pensável fora dos grupos e interações simbólicas sociais.

Nessa constituição social da identidade de gênero as ações do sujeito transcorrem como “I” e “Me” e desta forma, ele atua necessariamente sempre de modo reflexivo nas ações com outros, nas suas interações. Inclusive, precisa atuar de forma reflexiva na sua participação nas interações sociais do grupo ou da comunidade apresentando sua identidade pessoal e social. De outra forma não tem identidade. A pessoa precisa demonstrar uma Identidade do Eu (Goffman), ou em palavras de Mead atuar como *Self*, como pessoa, o que significa sob o ponto de vista das identidades de gênero, que está envolvido no mesmo processo de constituição da sua identidade de gênero.

O sujeito através do seu “I” e “Me”, sua identidade pessoal e social, fazendo uso de símbolos significantes (de um sistema de símbolos significantes) que lhe permitem as interações simbólicas com os outros, constrói e ao mesmo tempo desconstrói os significados normativos sociais dos elementos identitários e dos papéis de gênero. Nesse processo esboça e compõe seus elementos identitários fundamentado nas atitudes dos outros, do “outro generalizado” proveniente da comunidade (sociedade) e presente na sua Identidade social.

A pessoa torna-se em objeto para si “em virtude das relações sociais de um com os outros indivíduos” (Mead, 1972, p. 200), constrói os elementos da sua identidade de gênero, de seu Self de gênero baseado em seu “I” e “Mi” de gênero. Esta operação não é possível fora do próprio contexto social ou desligado deste. A construção e desconstrução da identidade de gênero não é somente um ato individual voluntarista. O ato construtivo e desconstrutivo da identidade de gênero sempre está inscrito no mesmo contexto social do qual surge, mas também não é apenas uma reprodução ou reação unilateralmente predeterminada pelo mesmo contexto social e da reação dos outros da comunidade.

Só através da experiência social de assumir a perspectiva do outro generalizado, ou seja, de atuar em diferentes papéis sociais, de atuar em papéis sociais de gênero, o sujeito é capaz de desenvolver sua identidade e reflexividade que sempre é de identidade sexuada, isso é, identidade de gênero. Tal como explicamos, essas capacidades do indivíduo são constituídas de maneira intersubjetiva durante todo um processo complexo, durante o qual o sujeito assume a perspectiva dos outros, (“outro generalizado”) e como tal gerencia essas perspectivas ativamente em um nível pessoal, mas ao mesmo tempo atua reflexivamente em relação com essas perspectivas em função das suas necessidades identitárias pessoais construindo e desconstruindo seus elementos identitários de gênero de forma reflexiva.

Esse fato pressupõe, segundo a nossa percepção e explicação, a ideia de Teresa de Lauretis. Ela explica que *a construção do gênero também é afetada por sua desconstrução*, uma construção e desconstrução que tem como referente os papéis sociais de gênero com implicações normativo-sociais. Seus significados remetem a comunidade, a sociedade como marco, o qual permite ao sujeito lidar com esses significados dos quais se distancia em seus atos de apresentação. Assim, a construção de gênero é um fato coletivo e individual ao ser construído em relações sociais, que segundo Mead segue uma dinâmica reflexiva; pertence a ações sociais que são tendencialmente comunicativas, segundo, Habermas. Desta forma, a construção e desconstrução do gênero e da identidade de gênero precisa ser gerenciada pelas pessoas através de ações interativas simbolicamente mediadas nos grupos sociais.

5 CONCLUSÕES

Apesar de Mead não ter enfatizado na identidade de gênero e numa teoria a respeito, este artigo pesquisou seu sistema teórico com intenção de sublinhar o significado dos elementos teóricos explicativos das categorias meadianas para entender o processo da constituição das identidades de gênero como um processo interativo simbólico constante no qual os sujeitos (re) constroem e desconstruem os elementos sociais de gênero e assim sua identidade de gênero. Assim sendo, tendo como referência a terminologia meadiana, a identidade de gênero é o resultado da inter-relação do “I” e do “Mí” (certamente baseado no outro generalizado). Essa identidade de gênero provém das ações do sujeito que atua tendo em conta ponto de vista social (“Me”) e pessoal (“I”) entendendo que um elemento não pode ser dissociado do outro. Ou em terminologia de Goffman a identidade social não pode ser dissociada da identidade pessoal. O gênero é um elemento presente e conformado no “*self*”, e acontece, sem dúvida, a partir das “experiências sociais” e não como um ato simplesmente voluntarista do indivíduo. De modo preciso,

O sujeito adota a postura do outro generalizado (“Me”) diante da sua própria conduta e diante da conduta dos outros, ao mesmo tempo em que age de acordo com suas próprias necessidades e impulsos (“I”), mas ao longo desse processo já inter-relaciona as duas perspectivas supracitadas, de modo que a posição do outro generalizado já corresponde a uma construção reflexiva na qual intervêm elementos interpretativos do sujeito (Radl-Philipp, 1996, p. 108).

Em definitivo, a identidade de gênero do sujeito é processual e como tal é o resultado de um diálogo internalizado do sujeito com o outro generalizado, do “I” e do “Me”, presente no mesmo sujeito, e é constituída nas relações interativas simbólicas e intersubjetivas. Dessa forma, a mesma construção das identidades de gênero corresponde a atos reflexivos também desconstrutivos para com os elementos normativos sociais estruturais das identidades de gênero, e de forma muito concreta, dos elementos binários e cisgênero das identidades de gênero existentes. A importância da capacidade interpretativa e reflexiva do sujeito aponta para essa condição.

Portanto, a identidade de gênero enquanto construto social e reflexivo não é uma simples reprodução de conteúdo ou elementos identitários de gênero unilateralmente determinados pelo coletivo ou pela estrutura social, isso é, não é apenas o resultado de uma imposição estrutural unilateral ao sujeito.

A visão teórica interacionista defendida define a identidade de gênero como um construto social, enquanto um elemento construído intersubjetivamente pelos sujeitos. Os protagonistas dos atos de construção são os sujeitos, mas a construção social das identidades de gênero acontece no seu interagir social, não está fora do mesmo e dos mesmos sujeitos, não está meramente nas “estruturas sociais”, por exemplo. E, ao contrário, não é apenas um construto voluntarista das pessoas que fazem simplesmente atos performativos à margem dos significados sociais da comunidade na qual se inserem de forma ahistórica e sem substância social. Essa asseveração é válida tanto para a identidade de gênero entendida como fato coletivo, como para a noção de fato individual.

REFERÊNCIAS

- BUBNER, REINHARDT: **Modern German Philosophy**, Cambridge, 1981.
- BUTLER, JUDITH. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, G.L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BUTLER, JUDITH. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. 1 ed. Buenos Aires: Paidós, 352 p., 2002.
- BUTLER, JUDITH. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2019.
- DE LAURETIS, TERESA: **Technologies of Gender**. Essays on Theory, Film and Fiction, 1989, MacMillan Press, London.
- HABERMAS, JÜRGEN: **Erkenntnis und Interesse**, Suhrkamp, Frankfurt, 1975.
- HABERMAS, JÜRGEN: **Theorie des kommunikativen Handelns**, tomos 1 y 2, Suhrkamp, Frankfurt, 1981. Em espanhol: *Teoría de la acción comunicativa*, Taurus, Madrid, 1984.
- INNERARITY, DANIEL: **Praxis e Intersubjetividad**. La teoría crítica de Jürgen Habermas, Pamplona: EUNSA, 1985.
- MEAD, GEORGE HERBERT: *Espírito, Persona y Sociedad*. Paidós, Barcelona, págs. 107 e ss., original em inglês: **Mind Self and Society**. From the Stand Point of a Social Behaviorist. University of Chicago Press, Chicago, 1972
- MONEY, JOHN: **Transsexualism and Sex Reassignment**, John Hopkins University, Baltimore, 1969.
- NEVES DE JESUS E RADL-PHILIPP: *Experiência acesso a saúde por mulheres trans e travestis em um município do interior da Bahia: Apontamentos para formação dos profissionais de saúde voltada ao acolhimento das demandas trans*, em: **X CINABEH: Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências**, Vol. 1, Devires, Campina Grande-SP, 2021, p. 1842-1854.
- RADL-PHILIPP, RITA: *Derechos Humanos y Género*, Em: **CADERNOS CEDES: “Educação e direitos humanos: contribuições para o debate”**, no. 81, maio-agosto 2010, pp. 135-155.
- RADL-PHILIPP, RITA E SANTOS MAFRA MEDEIROS, SHIRLENE: *“Identidades, Género y Educación: Memoria Educativa y la Formación Social de la Identidad en Educadoras en Brasil”*, em: **Innovación Educativa**, nº 26, 2016, pp. 147-166
- RADL-PHILIPP, RITA/ MARTINEZ RADL, FANNY: *Memória e ações comunicativas. Uma visão teórica comunicativa interacionista da teoria sociológica de Halbwachs*, em: RADL-PHILIPP, RITA y SANTOS ALVES, ANA ELIZABETH (eds.) **Memoria, género y educación**. Investigaciones y cuestiones epistemológicas- Memória, gênero e educação. Pesquisas e questões epistemológicas, Santiago de Compostela, Servizo de Publicaciones de la Universidade de Santiago de Compostela, Biblioteca Centro Interdisciplinario de Investigacións Feministas e de Estudos do Xénero -CIFEX, Vol. 7, pp. 31-46, 2018.
- RADL-PHILIPP, RITA: *La educación como interacción simbólica*, em: **REVISTA DE EDUCACIÓN**, n. 145, p. 7-15, 1991.

Identidade de gênero e interação simbólica: o valor explicativo da teoria de George Herbert Mead
RADL-PHILIPP, Rita.

RADL-PHILIPP, RITA: Teoría hermeneútica-crítica frankfurtiana, interés epistemológico emancipativo y prácticas de Pedagogía Crítica, em: **Revista Binacional Brasil Argentina Diálogo entre as Ciências**, vol. 3, no. 2, dezembro 2014, p. 146-174.

RADL-PHILIPP, RITA: Perspectivas epistemológicas científicas atuais no campo das teorias feministas, em: Mascarenhas, R. e Mara Bertoni, L. **Estado, política e sociedade: está o mundo de ponte cabeça?** Technopolitik, Brasília, 2019, pp. 169-184.

SIGUSCH, VOLKER: Transsexueller Wunsch und zissexuelle Abwehr, em: **PSYCHE**, September 1995, 49. Jahrgang, Heft 9/10, pp. 811-837.

SIGUSCH, VOLKER: “Die Transsexuellen und unser nosomorpher Blick”, *In*: **Zeitschrift für Sexualforschung**, 1991, 4, pp. 309-343.

WATZLAWICK, PAUL WATZLAWICK, JANET H. BEAVIN e DON D. JACKSON: **Menschliche Kommunikation: Formen, Störungen, Paradoxien**, Hogrefe, Göttingen, 2011 (original: 1967).